

SIMPÓSIO AT136

A MINHA HISTÓRIA EU MESMO FAÇO: A ESCRITA DE SI COMO UM CAMINHO PARA A FORMAÇÃO DE PRODUTORES DE TEXTOS

OLIVEIRA, Rita Sizana dos Santos
Estudante do Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Letras
PROFLETRAS – da Universidade Estadual de Feira de Santana
E-mail: ritasuzanaoliveira@gmail.com

Resumo: Esse estudo apresenta um recorte de uma pesquisa de mestrado, ainda em andamento, que pretende desenvolver práticas pedagógicas que contemplem a escrita de textos como objeto de ensino das aulas de Língua Portuguesa dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II de uma escola municipal de Pé de Serra- Ba. O principal objetivo da investigação é mediar, através da escrita de si, a formação de produtores de textos proficientes, visando ao desenvolvimento da competência escritora e da capacidade autoral dos educandos, além da valorização do sujeito e de sua identidade. Para desenvolver esta pesquisa intervencionista, recorre-se aos pressupostos do interacionismo sóciodiscursivo defendidos por Bakhtin (2003), Geraldi (2012), Antunes (2003), Koch; Elias (2010) por fornecer elementos essenciais para a elaboração de estratégias que favoreça a ampliação do domínio da língua, de maneira que o sujeito se sinta protagonista da sua própria aprendizagem. Trata-se de uma pesquisa-ação, com abordagem qualitativa, que segue o modelo de sequência didática proposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) para o estudo dos gêneros textuais em sala de aula. A pesquisa também focaliza as contribuições dos estudos do campo (auto)biográfico, propostos por Souza (2014), Lejeune (2008) e Passegi.; Souza; Vincentini (2010), para compreender a potencialidade da escrita de si nas práticas discursivas de alunos da educação básica. Espera-se alcançar, como resultados, a valorização do discente enquanto agente transformador e autor de sua própria história de vida, bem como a compreensão das práticas de produção escrita como processo e não como produto nas aulas de português.

Palavras-chave: Ensino de Língua Portuguesa; produção escrita; (auto)biografia.

Abstract: This study presents a cut of a mastership research, still in progress, that intends to develop pedagogical practices that contemplate the writing of texts as object of teaching of the Portuguese Language classes of the students of the 9th grade of Elementary School II of a municipal school of Pé de Serra- Ba. The main objective of the research is to mediate through the writing of itself the formation of proficient texts producers, aiming at the development of the writers competence and the authoral

capacity of the students, as well as the valuation of the subject and his identity. To develop this interventionist research, the assumptions of socio-discursive interactionism defended by Bakhtin (2003), Geraldi (2012), Antunes (2003), Koch; Elias (2010) for providing essential elements for the elaboration of strategies that favor the expansion of the mastery of the language, so that the subject feels the protagonist of his own learning. This is an action research with a qualitative approach, which follows the didactic sequence model proposed by Dolz, Noverraz and Schneuwly (2004) for the study of textual genres in the classroom. The research also focuses on the contributions of the (auto) biographical field studies, proposed by Souza (2014), Lejeune (2008) and Passegi ; Souza; Vincentini (2010), to understand the potential of self-writing in the discursive practices of basic education students. As a result, it is hoped to achieve the valorization of the student as a transformative agent and author of his own life history, as well as the comprehension of writing practices as a process and not as a product in Portuguese classes.

Keywords: Teaching Portuguese Language; written production; autobiography.

Introdução

Considerando que o ensino de Língua Portuguesa consiste em garantir o uso eficaz da linguagem em suas diferentes modalidades, em que o sujeito possa, “posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais” (BRASIL, 1997. p.07), é inconcebível que a escola persista numa prática pedagógica que valorize o ensino de normas e regras, por vezes, irrelevantes, em detrimento de novas concepções de língua que possibilitam o acesso aos conhecimentos linguísticos, indispensáveis à plena participação do indivíduo em seu meio social.

O que se pretende, a partir dessas novas concepções, é que haja uma compreensão mais ampla da linguagem verbal, oral e escrita e, que as aulas de Língua Portuguesa possam cumprir com o seu papel de favorecer o desenvolvimento da capacidade linguística-discursiva do sujeito. Neste sentido, a escola deve se valer da concepção interacionista, tornando-se um espaço privilegiado de relações sociais em que a língua esteja a serviço da comunicação intersubjetiva, em situações reais, por meio de práticas discursivas, materializadas em textos orais e escritos. (ANTUNES, 2003. p.42).

Analisando o contexto escolar do qual faço parte, percebo o quanto ainda devemos avançar no que diz respeito ao ensino da língua. O desafio é ainda maior quando se trata de produção de textos escritos, prática que deve deixar de ser artificial, descontextualizada, para se tornar funcional, capaz de “cumprir diferentes funções comunicativas, de maior ou menor relevância para a vida da comunidade.” (ANTUNES, 2003. P.47)

Partindo desta reflexão, surge o projeto “A minha história eu mesmo faço: A escrita de si como um caminho para a formação de produtores de textos” como uma possibilidade de aprimorar o ensino de língua materna, tendo como foco o estudo sistemático do gênero autobiografia e a valorização do sujeito e sua identidade. Com esta intervenção, o resultado que se espera é o desenvolvimento da capacidade escritora dos alunos, bem como a ampliação de sua autonomia enquanto autores da sua própria história.

Além das contribuições didáticas, um projeto deste caráter também coopera na construção identitária do sujeito. Através de uma intervenção como essa, que tem o gênero autobiografia como foco de estudo, é possível que o discente se sinta valorizado e se reconheça como responsável pelo seu crescimento enquanto pessoa, pois permite revisitar o seu passado, avaliar suas ações e tornar-se agente transformador da sua própria história.

O projeto será realizado por meio da elaboração e aplicação de uma Sequência Didática, que iniciará com atividades de escritas a fim de serem investigadas as dificuldades dos alunos no que diz respeito à produção de textos, seguida de outras atividades que possibilitem a sistematização de textos autobiográficos com o intuito de ajudá-los a ampliar conceitos e revelar as suas capacidades linguístico-discursivas de textualização. A produção final, a autobiografia, será socializada com toda a comunidade local, para que se faça conhecer histórias de sujeitos pertencentes a este meio social.

1 Discussão teórica

Não há como conceber o ensino de uma língua desvinculada dos seus usos reais que não esteja a serviço da comunicação. Um trabalho pedagógico

relevante deve estar fundamentado numa concepção de linguagem que promova a interação entre as pessoas. Antunes (2003) defende que tal concepção deve ser: “centrada na língua enquanto atuação social, enquanto atividade e interação verbal de dois ou mais interlocutores e, assim, enquanto sistema-em-função, vinculado, portanto, às circunstâncias concretas e diversificadas de sua atualização” (p.41). Desse modo, compreendendo a indissociabilidade entre interação e linguagem, vê-se a sala de aula como um ambiente propício e facilitador para as mais variadas formas de interação entre os sujeitos e para o desenvolvimento da capacidade comunicativa de cada aprendiz.

É nesta perspectiva interacionista, portanto, que o ensino de Língua Portuguesa deve se pautar, na qual o uso da linguagem possibilite ao indivíduo comunicar ideias, pensamentos e intenções das mais diversas naturezas. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais,

“interagir pela linguagem significa realizar uma atividade discursiva: dizer alguma coisa a alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico e em determinadas circunstâncias de interlocução. Isso significa que as escolhas feitas ao produzir um discurso não são aleatórias ainda que possam ser inconscientes, mas decorrentes das condições em que o discurso é realizado” (BRASIL, 1997, p.20-21).

Nesta concepção, o texto representa um envolvimento entre sujeitos que se dá num processo de interação, cujos interlocutores são vistos como agentes sociais que levam em consideração o contexto sociocomunicativo, cultural e histórico para a construção de sentido. Antunes (2003), parte dessa definição para explicar que a produção de um texto escrito é, pois, uma ação interativa de expressão, de manifestação verbal das ideias, intenções, informações, crenças ou dos sentimentos que se quer compartilhar e, de alguma maneira, interagir com alguém. E ainda acrescenta: “toda escrita responde a um propósito funcional qualquer, isto é, possibilita a realização de alguma atividade sociocomunicativa entre as pessoas e está inevitavelmente em relação com os

diversos contextos sociais em que essas pessoas atuam” (Antunes, 2003, p.48).

A partir desta reflexão, a escrita deixa de ser percebida como um produto acabado e passa a ser compreendida como um processo. Baseada nesta visão, Koch e Elias (2010) buscam redefini-la:

“a escrita é vista como produção textual, cuja realização exige do produtor a ativação de conhecimentos e a mobilização de várias estratégias. Isso significa dizer que o produtor, de forma não linear, ‘pensa’ no que vai escrever e em seu leitor, depois escreve, lê o que escreveu, revê ou reescreve o que julga necessário, em um movimento constante e on-line guiado pelo princípio interacional” (p.34).

Entendendo a produção escrita como uma atividade processual, é importante dar a quem escreve a possibilidade de revisar e recompor o seu discurso no momento da elaboração verbal do texto. Assim, o professor de Língua Portuguesa deve assumir a responsabilidade de mediar tal atividade, de modo que favoreça a ampliação das competências linguístico-discursivas necessárias ao uso adequado da escrita nas diversas práticas sociais que a utiliza. Koch e Elias (2010), inferem:

[...] a escrita é um trabalho no qual o sujeito tem algo a dizer e o faz sempre em relação a um outro (o seu interlocutor/leitor) com um certo propósito. Em razão do objetivo pretendido (para que escrever?), do interlocutor/leitor (para quem escrever?), do quadro espacio-temporal (onde? Quando?) e do suporte de veiculação, o produtor elabora um projeto, recorrendo a estratégias linguísticas, textuais, pragmáticas, cognitivas, discursivas e interacionais, vendo e revendo, no próprio percurso da atividade, a sua produção. (p.36)

Partilhando dessa compreensão, Antunes (2003 p.56), explica que elaborar um texto não é uma tarefa simples, que a natureza interativa da escrita impõe esses diferentes momentos e cada um desses procedimentos implica análises e decisões de alguém que é sujeito, que é autor de um dizer e de um fazer, para outro ou outros sujeitos que também se tornam co-autores.

É importante considerar ainda que, na concepção interacionista, o aluno é o sujeito da aprendizagem. Segundo Kato (1986) *apud* Antunes (2003) “é ele quem realiza, na interação com o objeto da aprendizagem, a atividade estruturadora da qual resulta o conhecimento” (p.43). A afirmação desse autor ilustra o que os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa – PCN – LP (1997) consideram como relevante para a concretização eficaz da aprendizagem. Neste documento, são apresentadas três variáveis indispensáveis para o ensino de Língua Portuguesa:

O primeiro elemento dessa tríade, o aluno, é o sujeito da ação de aprender, aquele que age com e sobre o objeto de conhecimento. O segundo elemento, o objeto de conhecimento, são os conhecimentos discursivo-textuais e linguísticos implicados nas práticas sociais de linguagem. O terceiro elemento da tríade é a prática educacional do professor e da escola que organiza a mediação entre sujeito e objeto do conhecimento (BRASIL, 1997, p.22).

Assim, ao entender o aluno como parte fundamental no processo de ensino-aprendizagem, a escola permite que o aprendiz se sinta responsável pela construção do seu conhecimento, sem desconsiderar a importância da mediação do professor para o alcance de uma aprendizagem significativa. É imprescindível, portanto, que nas aulas de Língua Portuguesa, o trabalho docente seja direcionado não apenas para o ensino, mas, sobretudo, para o aluno, reconhecendo-o como um sujeito ativo, possuidor de saberes que vão além dos escolares, adquiridos pelas suas vivências ao participar de práticas sociais mediadas pela linguagem.

Baseando-se ainda na perspectiva sociointeracionista, pretende-se nesse projeto desenvolver um trabalho com o gênero autobiografia, para que a subjetividade do aluno seja respeitada, e cada um veja o ambiente escolar como um espaço para ser quem é, e se tornar o que deseja ser. Para tanto, a escola, sendo esse espaço privilegiado de referências para os alunos, deve buscar compreender como eles vem construindo suas identidades

“estudar como os indivíduos dão forma a suas experiências e sentido ao que antes não tinha, como constroem a consciência histórica de si e de suas aprendizagens nos territórios que habitam e são por eles habitados, mediante o processos de biografização’ (PASSEGI; SOUZA; VINCENTINI, 2011, p. 37).

Assim, o trabalho com textos autobiográficos constitui em conhecer as histórias dos sujeitos, de onde eles vem, como se desenvolvem social, pessoal e politicamente e, como assumem o destino de suas vidas. Os PCNs chamam a atenção para o fato de que:

A elaboração da identidade e do projeto de vida implica construir um conjunto de valores que oriente a perspectiva de vida: quem eu sou, quem eu quero ser, o que quero para mim e para a sociedade. Isso exige uma busca de autoconhecimento, compreensão da sociedade e do lugar social em que está inserido (BRASIL, 1997,p.108-109).

A autobiografia definida por Lejuene (2008) é, pois, “[...] uma narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (p 14). A partir desse conceito, compreende-se que uma escrita de si, revela um *eu* que tenta justificar a sua subjetividade, sua individualidade , tanto para si como para o outro.

Inserir em aulas de português atividades pautadas na mobilização do gênero autobiografia, significa abandonar a escrita vazia que nada diz por não fazer referência ao mundo do aluno, favorecendo, assim, a ampliação da capacidade de expressão dos aprendizes, por meio de escritas significativas, já que “a única linguagem que faz sentido, para qualquer pessoa, é aquela que expressa o que queremos dizer, por algum motivo, de nós, dos outros, do mundo” (ANTUNES 2003, p.115).

Considerações finais

Diante do exposto, é possível notar que o trabalho com a escrita de textos encontra-se amparado na concepção interacionista da linguagem e que esta natureza interativa impõe etapas distintas e intercomplementares, cada

uma implicando análises e escolhas daquele sujeito que se dedica ao ato de escrever.

A proposta deste projeto é, por meio da escrita de si, desenvolvida através da elaboração e aplicação de uma sequência didática (SD), contribuir para o desenvolvimento da capacidade linguística escritora dos alunos. Espera-se que, a partir de uma intervenção pedagógica com textos do gênero autobiografia, os alunos se sintam mais valorizados e mais confiantes para produzir textos. Acredito que o resultado deste trabalho servirá também de reflexão para professores e gestores sobre a necessidade de conhecermos melhor os sujeitos que povoam as salas de aula para que as estratégias de ensino se tornem cada vez mais significativas e eficazes.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação Verbal**. Trad. de Paulo Bezerra. 5. Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

DOLZ, B.; NOVERRAZ, M. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard, DOLZ, Joaquim, et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de R. Rojo e G. L. Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004. p. 81-108.

GERALDI, J. W. (Org.) **O texto na sala de aula**. São Paulo: Anglo, 2012.

KATO, Mary A. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática, 1999

KOCH, Ingedore Villaça. ELIAS, Maria Vanda. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2010.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico – De Rousseau à internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

PASSEGI, Maria da Conceição. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGI, Maria da Conceição; CONCEIÇÃO, Maria (Org.) **Invenções de vida, compreensão de itinerários e alternativas de formação.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 103-130.